1 — Nascimento. Progenitores.

Hippolyte Léon Denizard Rivail (1), mundialmente conhecido pelo pseudônimo ALLAN KARDEC, nasceu na cidade de Lião (França), às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804, ou seja, no dia 11 do vindemiário do ano XIII do calendário republicano, conforme assinala o registo civil (2).

Descendente de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições, foram seus pais Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, juiz, e Jeanne Louise Duhamel, residentes à rua Sala, nº 76 (3). Anna Blackwell descreve a Sra. Duhamel como uma mulher notavelmente bela, prendada, elegante e afável, a quem o filho devotava profundo afeto (4). E salienta José Maria Quérard, no tomo XII de sua obra "La France Littéraire" (1859-1864), que a mãe de Rivail era natural de Bourg (ou Bourg-en-Bresse), sede do Departamento do Ain, e que devido a isso o Sr. A. Sirand, sempre tão exato

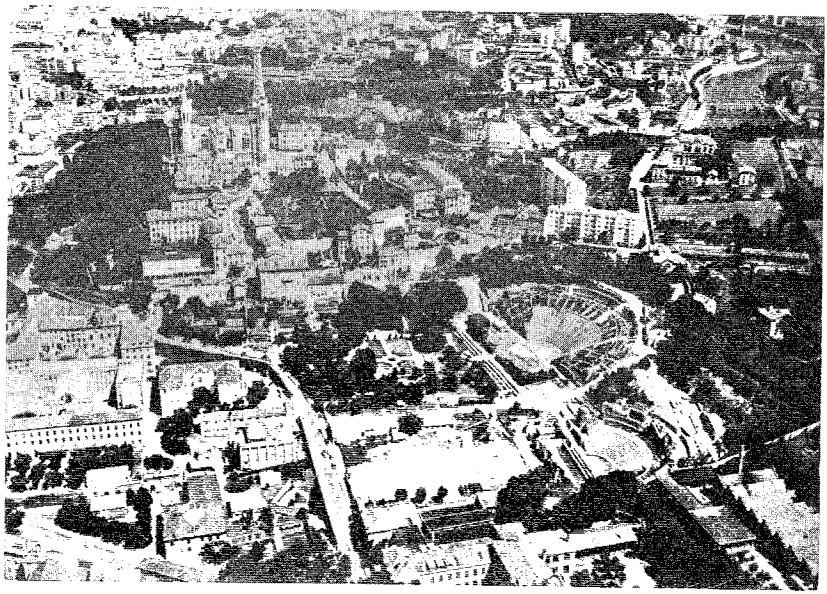
---

(1) Leia-se "Kardec e seu nome civil", no APÊNDICE deste volume.

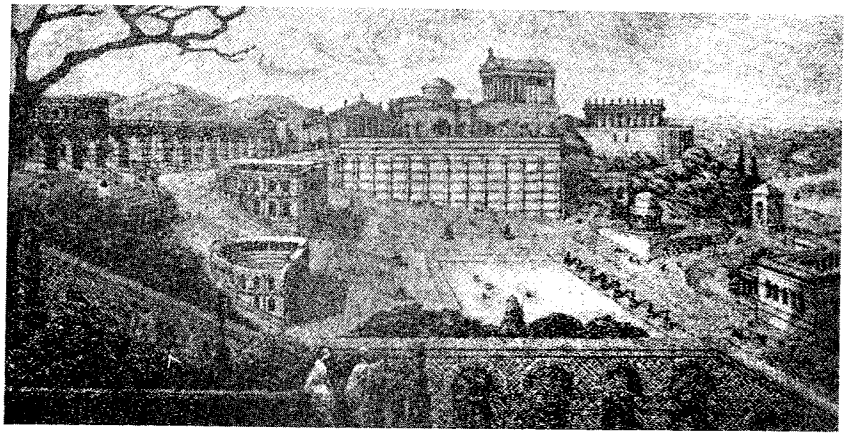
(2) Para dirimir qualquer dúvida, leia-se o artigo "Quando nasceu Kardec", no APÊNDICE deste volume.

(3) Segundo *Henri Sausse* ["Biographie d'Allan Kardec", 4me. éd., Paris, Éditions Jean Meyer (B. P. S.), 1927], a casa em que H. L. D. Rivail veio à luz desapareceu quando, de 1840 a 1852, se fez o alargamento e alinhamento da rua Sala, após as inundações de 1840.

(4) *Apud* "Translator's preface", *in* "The Spirits' Book", by Allan Kardec, translated from the hundred and twentieth thousand by Anna Blackwell. Boston, Colby and Rich, 1875; id. ibid., London, Trübner & Co., 1875.



Vista de Lião (França). Ao fundo: à direita, o rio Saône, e, à esquerda, a Fourvière, numa colina onde fora edificado o foro de Trajano. Cidade fundada em 43 a.C., com o nome *Lugdunum*. No primeiro plano o Teatro Romano.



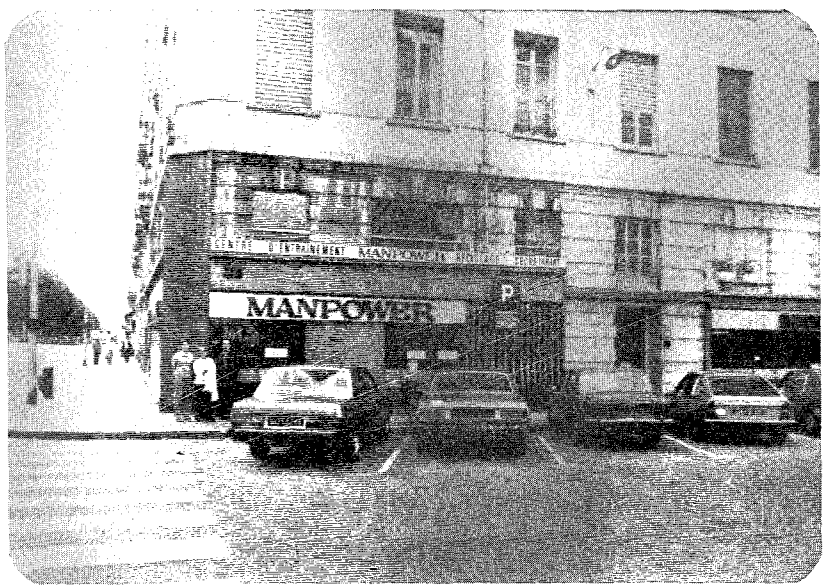
Reconstituição da antiga *Lugdunum* (hoje, Lião) por Rogatien de Nail.

em suas informações, julgou, erradamente, que Rivail também nascera em Bourg e daí tê-lo inscrito em sua "Bibliographie de l'Ain" (1851, in-8°).

Conforme o assinalam os Registros de Batismo da paróquia de Saint-Denis en Bresse, Rivail foi batizado pelo padre Barthe a 15 de junho de 1805 na igreja Saint-Denis de la Croix-Rousse, que na época não fazia parte de Lião, mas se achava sob a jurisdição da diocese lionesa. Seus padrinhos foram Pierre Louis Perrin e Suzanne Gabrielle Marie Vernier, domiciliados na mesma cidade onde nascera a mãe de Rivail.

O futuro Codificador do Espiritismo recebeu um nome querido e respeitado, que remonta ao século XV, e todo um passado de virtudes, de honra e de integridade. Grande número de seus antepassados se tinham distinguido na advocacia, na magistratura e até mesmo no trato dos problemas educacionais.

Bem cedo, o menino se revelou altamente inteligente e perspicaz observador, sempre compenetrado de seus deveres e responsabilidades, denotando franca inclinação para as ciências e para os assuntos filosóficos.



Rua Sala (Lião, França). Local aproximado em que esteve situada a casa onde nasceu H. L. D. Rivail, em 1804. A foto é de setembro de 1978, vendo-se na esquina a Professora Terezinha Rey entre Cláudia Bonmartin e Divaldo P. Franco

2 — Formação escolar de Rivail. A reputação mundial do Instituto de Yverdon

Conforme nos conta Henri Sausse, Rivail realizou seus primeiros estudos em Lião, sua cidade natal, sendo educado dentro de severos princípios de honradez e retidão moral. É de se presumir que a influência paterna e materna tenha sido das mais benéficas na sua infância, constituindo-se em fonte de nobres sentimentos.

Com a idade de dez anos, seus pais o enviam a Yverdon (ou Yverdun), cidade suíça do cantão de Vaud, situada na extremidade S. O. do lago Neuchâtel e na foz do Thiele, a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado, em 1805, pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi, cujo apostolado pedagógico já se revelara em Neuhof, Stans e Berthoud.

O Instituto de Yverdon, que funcionava no castelo construído em 1135 pelo duque de Zähringen (5), seria, durante quatro lustros, "a Belém da Natividade escolar, Reis Magos e bons pastores de Ceca e Meca a correrem ao Presépio, a louvarem o verbo encarnado na obra do Profeta" (6). Fre-

---

(5) Antiga residência dos bailios berneses, tornada propriedade do cantão de Vaud, havia sido vendida em 1804 à cidade de Yverdon, com a condição de que Pestalozzi aí gozasse gratuitamente, durante a sua vida, de um local para o seu instituto de educação. (*Apud Roger de Guimps*, "Histoire de Pestalozzi", p. 313.)

(6) *Sousa Costa*, da Academia das Ciências de Lisboa: "Pestalozzi — o mestre-escola", Academia das Ciências de Lisboa — Separata das "Memórias" (Classe de Letras, tomo V), Lisboa, 1948, p. 5.

Castelo de Yverdon (entre 1805 e 1825)

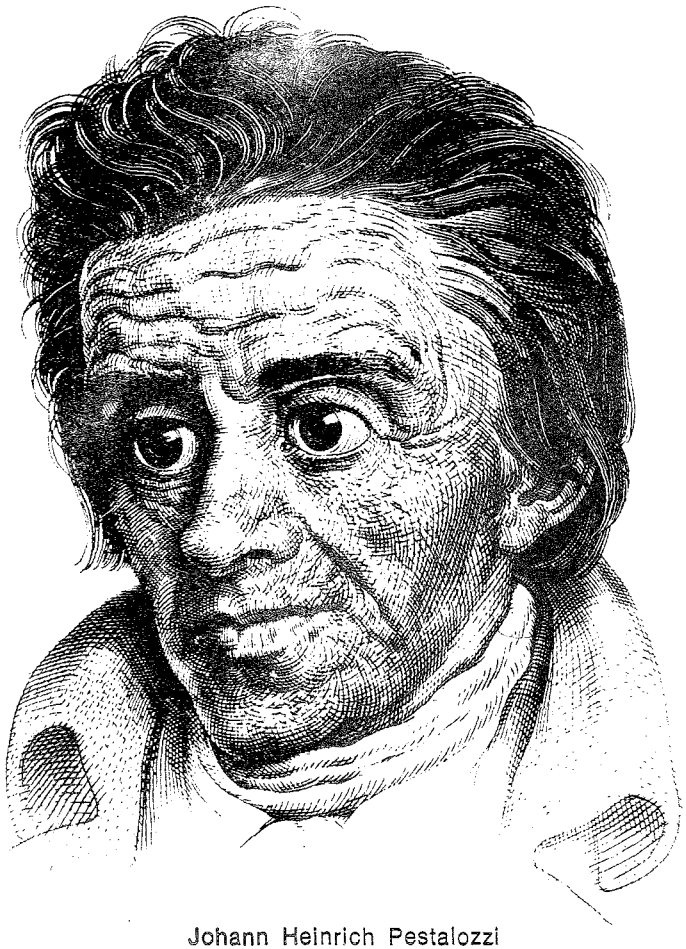
qüentado todos os anos por grande número de estrangeiros, citado, descrito, imitado, era, numa palavra, a escola modelo da Europa. Os sábios naturalistas Humboldt, Geoffroy Saint-Hilaire, F. Cuvier, o cientista Biot, o marquês de Dreux-Brezé, o barão de Gérando, o conde de Lasteyrie, o filósofo Maine de Biran, o duque de Broglie, o marechal Sébastiani, o ilustre pedagogo padre Grégoire Girard, a famosa escritora Mme. de Staël, o barão de Wangenheim, a grã-duquesa de Oldenburg, então rainha de Wurtemberg, o príncipe de Esterhazy, a princesa de Lippe-Detmold, lord Brougham, lord de Vescy, o célebre reformador socialista Robert Owen, foram algumas, apenas algumas, das altas personalidades políticas, científicas, literárias e filantrópicas que voltaram, maravilhadas, de suas visitas ao Instituto. Louvaram o criador dessa obra revolucionária, e por ela também se interessaram, Gœthe, o rei da Prússia Frederico Guilherme III e sua esposa Luísa, o czar da Rússia, Alexandre I, o rei Carlos IV da Espanha, os reis da Baviera e de Wurtemberg, o imperador da Áustria, a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina de Áustria, e muitos outros expoentes da nobreza européia e do mundo cultural. O grande pensador e filósofo alemão João Fichte, que igualmente conheceu o Instituto, declarou nos seus célebres "Discursos à Nação Alemã", pronunciados no inverno de 1807-1808, que a reforma da edu-

cação devia tomar por ponto de partida o método de ensino de Pestalozzi. E acrescentava: "Do Instituto de Pestalozzi espero a salvação da Alemanha."

J.-G. Fichte
(1762-1814)

Em Yverdon, o notável educador suíço reuniu em torno de si e da obra, objeto de tantas esperanças, conceituados professores vindos de várias partes, sendo que alguns deles tinham sido anteriormente seus alunos. Partilhando do entusiasmo do venerável mestre e devotados à causa sagrada do ensino, são mais citados pelos biógrafos os nomes de Hermann Krüsi, Tobler, Buss, Niederer, João Ramsauer, von Muralt, José Schmid, Barraud, Blochmann, Hoffmann, Hopf, Boniface, Konrad Näf, Mieg, Steiner, e muitos outros. Afora eles, homens de grande mérito, a maioria dos quais igualmente ensinaram no Instituto, acudiram de diferentes países para conhecer a instituição e seus professores, o plano de estudos e os processos pedagógicos da sua aplicação. Entre essas ilustres figuras, que absorveram o novo método de educação e posteriormente o disseminaram em suas terras natais, destacam-se: o grande pedagogo Fröbel, vulgarizador dos famosos "jardins de infância", que o tornaram célebre no mundo inteiro; o sábio professor Karl Ritter, um dos fundadores da geografia científica moderna e que lecionou esta matéria em Yverdon; a amiga de Beethoven, Teresa de Brunszvik, divulgadora de Pestalozzi na Hungria; Karl von Raumer, que escreveu mais tarde

a curiosa e sábia "História da Pedagogia"; von Türk, filantropo e pedagogo, de nobre família alemã, que renunciou a honroso lugar na magistratura de Oldenburg, para vir estudar o sistema pestalozziano em Yverdon, aí se tornando mestre em sua segunda visita; Nägeli, músico e educador zuriquense, criador dos orfeões de canto popular e seu maior propagandista na Suíça alemã; o Rev. Mayo e J. Greaves, dois abnegados discípulos de Pestalozzi e divulgadores do seu método na Inglaterra, sendo que o primeiro durante três anos ensinou religião aos alunos ingleses de Clendy e Yverdon; Jullien de Paris, que muito contribuiu para tornar conhecida na França a doutrina pestalozziana; etc., etc.



Johann Heinrich Pestalozzi
(1746-1827)

Foi com justiça e verdade que se lavrou no frontal do monumento erigido à memória de Pestalozzi, em Birr (cantão de Argóvia), um epitáfio que, entre outras coisas, dizia ter sido ele, em Yverdon, "o educador da Humanidade".

Línguas, raças, crenças, culturas e hábitos diferentes ali se misturavam, aprendendo as crianças e os jovens, na vivência escolar, a lição da fraternidade, da igualdade e da liberdade. De tal maneira esses ideais ficaram enraizados na alma de Rivail, que muitos anos mais tarde, relembrando-se, talvez, da grande família unida de Yverdon, ele afirmava constituírem, por si sós, "o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que eles exprimem pudessem receber integral aplicação" (7).

"Nas cumeeiras de Yverdon, o Presépio de Belém volve-se, na verdade, em Monte das Oliveiras — os discípulos a receberem a boa nova, a lição do Mestre, subordinada a esta máxima reguladora: saber e bondade sob a regência perpétua do bom-senso" (8). Uma média de 150 alunos internos (a maioria) e externos, metade dos quais estrangeiros, isto é, não suíços, aprendiam com Pestalozzi que "o amor é o eterno fundamento da educação". Cedo, a reputação do Instituto se estendeu tão longe que atraiu para ali até mesmo jovens do Brasil e dos Estados Unidos da América (9). Com altos e baixos, o número de estudantes diminuiria bastante nos últimos anos do Instituto.

Das crianças internas cujos pais tinham recursos, cobrava-se uma pensão anual, cerca de setecentos e vinte francos em 1812, e que compreendia a alimentação, a lavagem de roupa, a instrução, a compra de cadernos e dos primeiros livros elementares. Os pais deviam fornecer cama e enxoval completo, e pagavam, ainda, por atividades e serviços extraordinários quando solicitados por eles mesmos.

---

(7) *Allan Kardec*: "Obras Póstumas", 13ª ed. FEB, p. 233.

(8) *Sousa Costa*, ob. cit., p. 5.

(9) *P. P. Pompée*: "Études sur la vie et les travaux pédagogiques de J.-H. Pestalozzi", Paris, Librairie Charles Delagrasse, 1878, p. 104.

38 — Fim da primeira fase

Durante trinta anos, de 1819 (122) a 1850, muitas vezes se sobrepondo às incompreensões e aos reveses, Hippolyte Léon Denizard Rivail empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem número de crianças e jovens parisienses, segundo o método pestalozziano, com modificações, acrescido de práticas pedagógicas por ele mesmo criadas ou desenvolvidas, algumas das quais só mais tarde, no século XX, seriam retomadas e largamente difundidas por ilustres reformadores do ensino.

Esse primeiro período da vida de Rivail foi pródigo em benefícios para a coletividade francesa, e preparou-o convenientemente para ser o homem universal, novo Cristóvão Colombo que, arrostando lutas e escolhos sem conto, patentearia ao espírito humano um outro mundo que até então vivia envolto em denso mistério: o mundo dos Espíritos.

Toda essa fase existencial de Rivail, bem como a seguinte, sofreram a influência dos ensinos colhidos no Instituto de Yverdon. "Foi nessa escola" — acentuou Henri Sausse — "que se lhe desenvolveram as idéias que mais tarde deviam fazer dele um observador atento e meticuloso, um pensador prudente e profundo." Nesse estabelecimento, em que a coação não existia, permitindo ao aluno expandir naturalmente suas forças em gérmen, Rivail aprendeu a pedagogia inteligente, não atrofiadora da mente juvenil. Ele, afinal, podia fazer suas estas palavras de Fröbel, o genial criador dos "jardins-de-infância": "O tempo que passei em Yverdon foi decisivo em minha vida."

---

(122) Releia-se o capítulo 9, p. 60.

Daí a observação do biógrafo Jean Vartier (123): "Pestalozzi pode ser considerado como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi."

No decorrer de sua frutuosa carreira pedagógica de instritutor-filantropo, Rivail exercitou "a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada". Diga-se, de passagem, que quase todas as realizações posteriores a 1832, ano do seu casamento, se originaram ou se fortaleceram nas palestras costumeiras entre ele e a esposa. À mulher, conforme salientou a Condessa de Ségur, é que se devem principalmente as inspirações que os homens concretizam.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia Rivail firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, a sua reputação de distinguido mestre da Pedagogia moderna, com o seu nome inscrito em importantes obras biobibliográficas.

(123) *Jean Vartier*, ob. cit., p. 21.